

# A CONTRIBUIÇÃO DE NELSON RODRIGUES PARA A SOCIOLOGIA DO FUTEBOL<sup>1</sup>

**Luis Otávio Teles Assumpção**

Universidade Católica de Brasília, Taguatinga, Distrito Federal, Brasil.

**Ricardo Lira de Rezende Neves**

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

**Emanuelle Santos Camelo**

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

## **Resumo**

No ano de 2012 foi comemorado o centenário de nascimento de um dos mais importantes escritores brasileiros – Nelson Rodrigues, autor de inesquecíveis crônicas e peças teatrais. Dentre essas obras memoráveis este ensaio teórico analisa as crônicas que tinham no futebol seu tema de reflexão. Nelas o autor revela profunda sensibilidade e inteligência na compreensão desse esporte, elaborando uma refinada e sofisticada “sociologia do futebol”, enxergando e descobrindo no “esporte bretão” dimensões culturais, sociais e simbólicas geniais e surpreendentes.

**Palavras chave:** Futebol. Identidade. Nação. Ciências Sociais.

---

## **Introdução**

A Sociologia do Futebol ainda é um tema relativamente recente no domínio das Ciências Sociais. Historicamente este esporte tem sido estudado, de forma sistemática, pelos profissionais oriundos da Educação Física e de outras áreas, os quais, naturalmente, enfocam-no, na maioria das vezes, pela perspectiva técnica, tática, física, motora.

Entendemos que essa abordagem unidimensional é insuficiente para dar conta de assunto tão complexo e profundo. Nesse sentido, propomos a leitura e o estudo do futebol também sob o ângulo social, cultural e simbólico. Desse ponto de vista, uma partida de futebol nos coloca diante de inumeráveis significados e sentidos que em muito ultrapassam a perspectiva motora. Símbolos, signos, ícones, tradições, rivalidades, capitais, lealdades, são alguns elementos também presentes em uma arena de jogo.

Não obstante, importantes estudos foram realizados na década de 1980 e 1990 no Brasil, como os de DaMatta et al. (1982), Toledo (1996), Gordon Jr. (1995), Murad (1996). DaMatta (1982) focou o universo do futebol e a sociedade brasileira no que se refere à construção da identidade nacional, à cultura, ao drama, aos dilemas, aos impasses e aos valores. Toledo (1996) estudou as torcidas organizadas. Murad (1996) analisou os

---

<sup>1</sup> Este trabalho contou com o auxílio financeiro recebido da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC).

elementos básicos de sociologia do futebol. Gordon J. (1995), por sua vez, realizou uma análise da história social dos negros no futebol brasileiro.

Com referência aos estudos sobre as crônicas e o esporte, temos o estudo de Da Costa, Neto e Soares (2007) que, ao fazerem uma revisão da literatura, com o objetivo de construir o histórico da crônica no Brasil, associando o futebol à “nacionalização”, apontam que o esporte, sobretudo o futebol, “trouxe uma forma de escrita, novos conceitos de construção da crônica no Brasil, massificou o gênero entre os populares e incentivou a profissionalização dos profissionais envolvidos no jornalismo esportivo” (p. 26).

Nos últimos anos, importantes e relevantes artigos têm sido produzidos, por diversos estudiosos, sob esse enfoque. Autores como Lucena (2001, 2003), Soares e Lovisolo (2003), Franco Junior (2007), Wisnik (2008), Bitencourt (2009), Abrahão e Soares (2009), Saldanha e Goellner (2013), Fernández (2013), Soares et al. (2011), entre outros, são exemplos de como esse assunto tem ganhado destaque no campo acadêmico e científico, sob diferentes olhares críticos e humanistas.

No âmbito desse ensaio, restringimos nosso universo e resgatamos as reflexões de um único escritor. Justificamos essa escolha particular por entendermos o quanto suas análises podem contribuir para a compreensão socioantropológica do futebol.

O autor em questão é o escritor, dramaturgo e cronista Néelson Rodrigues. Sua obra já foi objeto de inúmeros artigos, ensaios, monografias, dissertações. Está consagrado como um dos expoentes da literatura e da dramaturgia brasileira, traduzido, analisado e debatido em várias línguas. Sua influência na arte e na cultura é marcante e, em certos aspectos, revolucionária.

Entretanto, há um domínio no qual, infelizmente, toda a genialidade de Nelson Rodrigues ainda não foi suficientemente explorada – no futebol. Nos anos 1950 e 1960 ele muito escreveu sobre esse esporte, demonstrando uma profunda sensibilidade social, cultural e simbólica em relação a ele. Estudamos algumas categorias analíticas ali presentes.

Isso posto, um esclarecimento inicial deve ser feito. Os textos de Néelson não são análises ou ensaios tal como entendidos no domínio acadêmico. São, antes, crônicas jornalísticas que o autor escreveu durante sua vida profissional. No entanto, ora sugerida, ora difusa, ou apenas aventada, ou simplesmente insinuada, elaboram uma fina sensibilidade sociológica do futebol, possuindo um valor extraordinário se as enxergarmos como percepções e geniais *insights* socioantropológicos a serem desenvolvidos e explorados em suas vastas possibilidades.

As crônicas estudadas foram originariamente publicadas na revista *Manchete Esportiva*, entre os anos 1955 e 1959, e no jornal *O Globo*, de 1962 a 1970, e organizadas em coletânea pelo jornalista Ruy Castro (1993).

Nosso trabalho foi dividido em duas partes. Na primeira destacamos quatro crônicas com o intuito de mostrar o quanto Nelson percebeu o futebol a partir de uma sofisticada “imaginação sociológica”, no sentido atribuído pelo sociólogo Wright Mills. Na segunda parte, elegemos uma questão sociológica em particular – futebol e sentimentos nacionalistas – e a tratamos a partir das reflexões do autor.

## A alma do futebol

Nélson Rodrigues sempre enxergou o futebol como um drama sociopsíquico, lugar de sentimentos e valores humanos. Em *O divino delinquente* (p. 102), criticava lugares-comuns e visões reducionistas:

Certo e brilhante confrade dizia-me ontem que “futebol é bola”. Não há juízo mais inexato, mais utópico, mais irrealístico. O colega esvazia o futebol como um pneu, e repito: retira do futebol tudo o que ele tem de misterioso e de poético. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana [...]. Eu diria ainda ao ilustre confrade o seguinte: em futebol, o pior cego é o que só vê a bola.

Aqui ele critica a visão simplista e racional geralmente presente na forma de se ver esse fenômeno. Apresenta, assim, ao confrade, o futebol como poesia e mistério, carregado de significados que podem ser explicados a partir do olhar subjetivo do espectador, se este mirar seus olhares para além da bola, e considerando a complexidade da arena de jogo.

Na crônica *Freud no futebol* (p. 25), critica a limitação do enfoque biomédico prevalente nos cuidados e atenções dispensados aos jogadores. Aponta direções e propõe alargar o conhecimento sobre a origem dos problemas enfrentados pelos atletas. Acima de tudo, compreende o jogador como um ser cultural, com suas vicissitudes e idiossincrasias:

[...] a torcida, a imprensa e o rádio dão importância a pequeninos e miseráveis acidentes. Por exemplo: uma reles distensão muscular desencadeia manchetes [...]. Há uma briosa e diligente equipe médica, que abrange desde uma coriza ordinaríssima até uma tuberculose bilateral. Só não existe um especialista para resguardar a lancinante fragilidade psíquica [e acrescentamos, sociológica] dos times [...]. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E, no entanto, vamos e venhamos: já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma [...].

O trecho acima traz à tona a visão reducionista da saúde dos atletas incorporada pelos diversos atores envolvidos no mundo do futebol. A saúde deles é analisada a partir da dimensão biológica e do modelo biomédico ou medicalizante. A crônica destaca que uma pequena contusão toma dimensões de uma tragédia. Demonstra a possibilidade e a necessidade de uma equipe multiprofissional, formada por especialistas, cuidar da saúde do atleta considerando um enfoque multidimensional, ou seja, para o atleta estar saudável e se manter nesse estado com o intuito de ter uma boa atuação na arena de jogo, em sua visão ampliada, é preciso estar atento às dimensões motoras, emocionais, sociais, culturais, históricas e espirituais (alma e sentimentos). Imprescindível, portanto, considerar a intimidade do ser culturalmente vivido com sua complexidade de sentimentos, valores, desafios imbricados e inter-relacionados com o mundo do futebol.

O olhar da torcida, da imprensa e do rádio demonstra a separação histórica entre corpo e alma. Silva (2011, p. 25) refletiu sobre essa questão. Para a autora esta dicotomia seria fundada nas ideias de Descartes, ou seja, uma “representação do corpo como uma máquina”. Aponta ainda que, “Tal concepção, de corpo que independe de qualquer noção de essência e associado estritamente a sua materialidade, predomina durante longo tempo e deixa fortes marcas, até hoje, inclusive no que diz respeito ao seu método científico de estudo” (SILVA, 2011, p. 25), necessitando de contestações, análises complexas e críticas. Como sabiamente tem feito Nelson Rodrigues em suas crônicas sobre o futebol.

Nessa mesma linha de raciocínio, para Nelson Rodrigues, o futebol “*não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais*”. Lembra o que foi o jogo Brasil e Hungria, partida em que fomos desclassificados na Copa do Mundo de 1954:

Eis a verdade: antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente. Repito: fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas [...]. E não era uma pane individual: era um afogamento coletivo [...]. Quem ganha e perde as partidas é a alma. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria.

Essa busca da “alma”, reforça Nelson Rodrigues, traduz-se na imperiosa necessidade de se focar o futebol como um fenômeno sociológico, antropológico, histórico. O comportamento dos jogadores, do time, dos torcedores, só pode ser compreendido, insiste, apenas quando inserido em um contexto mais amplo.

Ampliar o enfoque, considerando o contexto, significa valorizar os processos sociais, simbólicos e culturais que envolvem um time de futebol, seja para uma partida, seja para um torneio. Aspectos esses que aparentemente estão externos ao fenômeno, mas que influenciam significativamente no processo e trazem para a arena de jogo os pensamentos, as dificuldades, as intimidades, os sentimentos, os mitos, que, na maioria das vezes, são negligenciados na preparação e geralmente não são tão claros para a coletividade. Como diz Nelson Rodrigues, no trecho analisado, “*o temor tomou conta dos jogadores e a alma coletiva ruiu frente à Hungria*”.

Em outra crônica – *Didi sem Guiomar* (p. 45) – o autor critica a Confederação Brasileira de Desportos (órgão dirigente do futebol brasileiro no período, hoje Confederação Brasileira de Futebol) por sua limitada compreensão da condição humana. Didi, um dos principais jogadores da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958 na Suécia, foi visto pelo escritor como estando “*diante de um dilema: ou a Suécia ou Guiomar (sua esposa)*”. Tal indecisão devia-se ao fato de a CBD “*impedir que qualquer jogador leve a mulher à Suécia*”, o que estaria afetando a conduta do craque. Indignado com a incompreensão de uma entidade dirigente que desconsidera o sentimento de “*um jogador que foi arrancado de seu amor, arrancado de sua paixão*”, N. Rodrigues escreveu: “*ela vê o craque como tal, apenas. E nem desconfia que o jogador é, antes de tudo, um homem e que, nessa base, a condição humana está implicada em todos os seus defeitos e virtudes*”.

Na crônica *O mais carioca dos times* (p. 113), ele critica o enorme desgaste ao qual o consagrado time do Santos Futebol Clube, após a conquista do bicampeonato mundial de clubes, estava sendo submetido com realização de jogos por todo o mundo: “*não*

*me venham com explicações técnicas, táticas para seus fracassos. Esse time, que para em todas as pátrias, menos na própria, estourou o limite de saturação”.*

Na crônica *Matar ou morrer* (p. 121), propõe a discussão acerca de complexos sociopsíquicos presentes no futebol.

Na Copa do Mundo de 1958, na Suécia – escreveu –, o escrete verde-amarelo era de uma suavidade impressionante. O jogo Suécia X Alemanha foi uma carnificina. Eu estava vendo a hora em que os adversários iam arrancar a carótida uns dos outros para chupá-la como tangerina. Foram noventa minutos de uma ferocidade recíproca e homicida [...]. Pois o Brasil não fez um único e escasso vexame. Era de dar pena a correção dos nossos rapazes. Jogavam na bola e só na bola. Jamais o mundo vira um escrete tão doce e de uma inocência quase suicida. Um sociólogo que lá estivesse havia de fazer a constatação apiedada: – “o escrúpulo é próprio do subdesenvolvimento”.

Fica clara, em sua crônica, a comparação entre as formas de se jogar o futebol. De um lado, o futebol força com as marcas da “guerra” e suas características mais evidentes: a potência, a ferocidade, a intimidação, a “violência” e o uso de qualquer tipo de arma para o combate são fundamentais para o resultado do jogo – futebol europeu. De outro lado, o futebol arte, com as marcas da suavidade, leveza, beleza, alegria e emoção – futebol brasileiro –, muito distante e diferente do vexame ou da “violência”.

Assim Nelson Rodrigues enxergava o futebol: um drama humano. Como tal, a ser investigado com os instrumentos e a metodologia das Ciências Sociais.

O que destacamos neste ensaio é a necessidade de ler e perceber a aguçada “imaginação sociológica” do autor, a qual constitui excelente material para aprimoramento e aperfeiçoamento de um “olhar sociológico” sobre o futebol. Assim, nossa argumentação ganhará mais sentido e profundidade.

Tendo visto a intensa sensibilidade de Nelson Rodrigues em compreender o futebol como um drama humano, a seguir destacamos e analisamos uma questão em particular, os sentimentos nacionalistas.

## **Futebol e nação**

Nação não se confunde com Estado. Refere-se a sentimentos, a impressões, a vivências pessoais oriundas de um espaço social, cultural, econômico, histórico. Estrutura-se como construção simbólica.

Na composição da nação não entra apenas a “*natureza existente objetivamente, mas também a que é vivenciada subjetivamente*” (THUNE, 1991, p. 53): origem, idioma, amizades, tradições, recordações. Pode ser concebida como companheirismo profundo e horizontal, com símbolos, comemorações e celebrações que unem a população no culto e na afirmação de princípios sociais, revelando um forte sentido de coletividade. Corresponde a um “nós”, situado além das consciências individuais. Nas palavras de Benedict Anderson (2008), uma “comunidade imaginada”.

Ela atinge “*o mundo interior*” e integra “*não somente a terra, a água e o ar, mas também o homem com sua família, os vizinhos, os semelhantes, a linguagem, os costu-*

mes, a igreja e a cidade”. Não é mera quantidade e sim “*forma e qualidade*”. Constitui algo que cresceu, “*que não foi planejado. Por isso, não podemos ‘fazer a pátria’ [sentido análogo ao de nação] do mesmo modo que ‘fazemos’ automóveis e máquinas de calcular*”. Apresenta-se como um “*sentimento espiritual de raízes*” (THUNE, 1991, p. 44-46).

Segundo Thune (1991), a história do termo “pátria” [semelhante ao conceito de nação] remonta ao conceito *Heim-ôit*, o lugar de refúgio, de abrigo, de morada, o lugar onde se nasce, o lugar da infância. A “*vida ao abrigo*” assemelha-se à “*vida escondida no lugar*” (*heim-lich*), onde se guardam segredos (*Ge-heim-nisse*). A nação se opõe ao estrangeiro. Na Idade Média cristã o conceito “pátria” era elevado a um nível transcendental e religioso (p. 46).

Para Nélson Rodrigues o sentimento de nação fazia-se presente e claramente se revelava no futebol.

O Brasil tornou-se bicampeão mundial de futebol em 1962, no Chile. Na ocasião, ele escreveu sobre o sentimento nacionalista que se apoderara do brasileiro. Duas crônicas foram escritas: *Bicampeões do mundo* e *Beijos imaculados* (p. 95):

Súbito o brasileiro, do pé-rapado ao grã-fino, do presidente ao contínuo, o brasileiro, dizia eu, assume uma dimensão inesperada e gigantesca. O bêbado tombado na sarjeta, com a cara enfiada no ralo, também é rei. Somos 75 milhões de reis [...]. E, a partir de ontem, vejam como a simples crioulinha favelada tem todo o ‘élan’, todo o ímpeto, toda a luz de uma Joana D’Arc. De repente, todas as esquinas, todos os botecos, todas as ruas estão consteladas de Joanas D’Arc. E os homens parecem formidáveis como se cada um fosse um são Jorge a pé, um são Jorge infante, maravilhosamente infante.

Para Nelson, a equipe brasileira tinha de vencer,

porque não era somente o escrete, era também o Brasil, era também o homem brasileiro [...]. Amigos, depois da vitória não me falem na Rússia, não me falem nos Estados Unidos. Eis a verdade: – a Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado. Foi a vitória do escrete e mais: – foi a vitória do homem brasileiro, ele sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões.

O título de campeão dava vazão ao sentimento nacionalista: “*na vida comum*”, escreve o cronista, “*o chamado ‘próximo’ é o ser mais distante e mais inescrutável*”. Essa incomunicabilidade, lembra ele, “*faz um mal danado. Pois bem: o bi lançou-nos nos braços do próximo. As ruas se encheram de desconhecidos íntimos. Todo mundo beijava todo mundo. O Brasil foi, por um momento, a terra da ternura humana. Os bêbados caíram abraçados à sarjeta e querendo beijar o meio-fio*”.

Nação não se refere unicamente a um pedaço de terra, mas a uma “*história que sobre ela se desenrolou, a comunidade dos homens que nos são familiares*”. Vejamos esse sentimento no futebol, no caso de Pelé, o mais importante jogador brasileiro na Copa do

Mundo de 1962. Na crônica *Um horizonte de chifres* (p. 83) o cronista fala do sentimento de tristeza nacional quando de sua contusão:

Desde sábado que todo o Brasil chora e todo o Brasil vela a contusão de Pelé. Como diria Brás Cubas, até a natureza se associa à melancolia nacional. Os ventos são mais tristes, os ventos são mais inconsoláveis [...], o desespero está ventando por todo o país [...]. E, de resto, cada um de nós precisa acreditar no Brasil com pesado e obtuso fanatismo.

A identificação do eu com a nação expressa-se não como um conceito abstrato, mas como uma entidade viva – um indivíduo gigantesco, coletivo, capaz de reunir as massas e expressar uma unidade simbólica, o qual exprime não a *soma dos indivíduos*, mas a própria *síntese*, no sentido durkheimiano e rousseauiano.

Referindo-se à partida semifinal da Copa do Mundo de 1962, realizada no Chile, em jogo disputado justamente entre as seleções nacionais do Chile e do Brasil – imaginem a dimensão tensa e dramática da rivalidade nacionalista – escreveu Nelson Rodrigues:

Então faço a pergunta: – que fizemos nós, ontem, em Santiago? Éramos onze gatos pingados contra milhões enfurecidos. Amigos, todo o Chile se levantou contra nós. A imprensa, o rádio, a TV, o homem de rua, as crianças – quiseram triturar emocionalmente a “seleção de ouro”. Nunca se fez um massacre psicológico tão feroz contra alguém. O futebol passou para um plano secundário. O objetivo único foi, repito, a liquidação psicológica dos craques brasileiros [...].

Naquele instante de euforia e exacerbação nacionalista, Nelson enxergou o papel coletivo desempenhado pelo “indivíduo-síntese”:

O Brasil estava só, mas tinha Garrincha. Feliz do povo que pode esfregar um Garrincha na cara do mundo [...]. Quando ele enfiou um gol e depois outro, isso aqui foi, como diria um orador de gafieira, foi uma pátria constelada de garrinchas [...] (*O Eichmann do apito*, p. 89).

Em outra crônica – *O possesso* (p. 86) – Nelson escreveu sobre a vitória contra a seleção da Espanha:

Ganhamos. E que fazer agora, senão arrancar do nosso peito um gemido solene e fundo, como um mugido cívico? Quando acabou o jogo, quando a vitória uivou, vimos o seguinte: – era esta uma cidade espantosamente bêbada. Cada um de nós foi arremessado do seu equilíbrio chato, foi arrancado do seu juízo medíocre e estéril [...]. Amigos, era ali ou nunca. Setenta e cinco milhões de brasileiros precisavam mais do gol que todo o Nordeste de água e pão.

Naquele jogo, o “indivíduo-síntese” revelou-se na figura de Amarildo, substituto de Pelé, o qual Néelson Rodrigues denominou “o possesso”:

[...] Amigos, nunca *um foi tantos* [grifo nosso]. E esse múltiplo, esse numeroso Amarildo acabou enterrando o seu gol, até o fundo, no coração da Espanha.

O futebol amplifica paixões, e as virtudes da nação são encarnadas pelos jogadores (virilidade, lealdade, fidelidade, espírito de sacrifício, senso do dever, senso do território, pertencimento a uma comunidade), o que favorece investimentos míticos, projeções imaginárias e fanatismos nacionais.

Os esportes de massa desempenham importante papel na construção da identidade – reforçam o sentido de coletividade, de coesão, de culto a símbolos sociais. Nos jogos de futebol, a sociedade, ritualmente, celebra uma solidariedade social. Um “nós” ocupa espaços de diferenciação e de afastamentos cotidianos. São projetados desejos de união, orgulho e integração, ou são vivenciadas humilhações e tristezas coletivas. Por isso o esporte tanto encanta, arrebatava, extasia e tanto massifica, aliena e coisifica.

Na crônica *Complexo de vira-latas* (p. 51), o escritor se refere ao sentimento de humilhação que se apoderara da nação brasileira quando da derrota da seleção brasileira na final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, para a seleção uruguaia:

[...] desde 1950 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaiois, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor de cotovelo que nos ficou dos 2 X 1. E custa crer que um escorço tão pequeno possa causar uma dor tão grande [...].

Com refinada percepção sociológica, Nelson Rodrigues remete-nos à histórica situação de dependência social, cultural e econômica do Brasil para melhor compreendermos o que se passou no campo de jogo:

Por complexo de vira-latas entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: – e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: – porque Obdulio [Obdulio Varela, capitão da seleção uruguaia. Ficou célebre como “él grán capitán”] nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

## Conclusão

A obra de Nelson Rodrigues, tão estudada na literatura e no teatro ainda não recebeu, no futebol, atenção à altura de sua importância sociológica. Muito ainda deve ser es-



critico, pensado, refletido, tamanha sua fecundidade e genialidade. O futebol, visto pelo escritor pernambucano, é ainda um “rio caudaloso” a ser navegado.

Neste trabalho destacamos algumas crônicas que se referem à perspectiva sociológica presente em sua obra. Em síntese, o autor nos brinda com um olhar para o futebol recheado de análises que criticam as simplificações feitas pelas torcidas, cronistas e jornalistas da imprensa e do rádio, geralmente focadas na dimensão técnica e tática. Com a visão ampliada, suas crônicas apresentam a sensibilidade social, cultural e simbólica presente nas arenas de jogo, marcadas pelo equilíbrio ou desequilíbrio emocional, pelo sentimento de nação e coletividade.

Indica a necessidade de vermos o momento da concentração dos jogadores e da equipe técnica como algo muito importante e delineador dos resultados nas arenas, e permeado por medos, angústias, isolamento, saudades dos familiares, dimensões essas fundamentais quando se busca viver com plenitude a vida, ou seja, o futebol ou o torneio é apenas parte da vida e não toda ela.

Por fim, Nelson Rodrigues destaca o sentimento de alteridade que acontece nas horas de vitórias triunfais. Quando se ganha uma Copa do mundo, o companheirismo, a amizade, os princípios sociais, a coletividade, a integração, o desenvolvimento e a superioridade ganham destaque. Nas derrotas, a tristeza coletiva, as humilhações na arena de jogo, a inferioridade, a culpabilização, o subdesenvolvimento e os desejos de revolta ganham espaço e a melancolia invade os corações de toda a nação.

Inúmeras outras possibilidades são sugeridas nas demais crônicas, as quais, pacientemente, aguardam reflexões de novos autores. Destacamos outros temas passíveis de estudos futuros, como a análise da relação entre o futebol e a memória, o futebol e o mito, o futebol e a identidade, as relações simbólicas do futebol, entre outros. São temas a serem explorados em nossas reflexões no porvir.

---

## THE CONTRIBUTION OF NELSON RODRIGUES SOCIOLOGY FOR FOOTBALL

### Abstract

In 2012 was celebrated the centenary of the birth of one of the most important Brazilian writers – Nelson Rodrigues, author of unforgettable chronic and plays. Among these memorable works this theoretical essay analyzes the chronicles that had in football his theme of reflection. In them the author reveals deep sensitivity and intelligence to understand this sport, developing a refined and sophisticated “sociology of football”, seeing and discovering the “beautiful game” cultural, social and symbolic dimensions brilliant and amazing.

**Keywords:** Football. Identity. Nation. Social Science.

## LA CONTRIBUCIÓN DE NELSON RODRIGUES A LA SOCIOLOGÍA DE FÚTBOL

### Resumen

En 2012 se celebró el centenario del nacimiento de uno de los escritores más importantes de Brasil – Nelson Rodrigues, autor de crónica inolvidable y obras de teatro. Entre estas obras memorables nuestro trabajo se llamará la atención a los que tenían en el fútbol su tema de reflexión. En ellas el autor revela profunda sensibilidad e inteligencia para entender este deporte, el desarrollo

de uma “sociología del fútbol”, refinado y sofisticado de mirar y descubrir las dimensiones culturales, sociales y simbólicos “juego bonito” brillante y sorprendente.

**Palabras-claves:** Fútbol. Identidad. Nación. Ciencias Sociales.

---

## Referências

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ABRAHÃO, B. O. L.; SOARES, A. J. G. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 9-23, jan. 2009.

BITENCOURT, F. G. Esboço sobre algumas implicações do futebol da copa do mundo para o Brasil: identidade e ritos de autoridade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 173-189, maio 2009.

DA COSTA, F. R.; NETO, A. F.; SOARES, A. J. C. Crônica esportiva brasileira: histórico, construção e cronista. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p. 15-31, jan./jun. 2007.

DAMATTA, R.; NEVES, L. F. B.; GUEDES, S. L.; VOGEL, A. **Universo do futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FRANCO JUNIOR, H. **A dança dos Deuses:** futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FERNANDEZ, F. Os corpos e suas marcas socioétnicas: futebol, identidades e história em Valles Leste de Jujuy. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 211-225, jan./mar. 2013.

GORDON JR., C. C. História social dos negros no futebol brasileiro. **Pesquisa de Campo – Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol**, UERJ, n. 2, p. 71-90, 1995.

LUCENA, R. de F. **O esporte na cidade.** Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003.

MURAD, M. **Dos pés à cabeça:** elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais:** crônicas de futebol. Seleção e notas Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SALDANHA, R. M.; GOELLNER, S. V. Futebol, sexo e *rock and roll*: o futebol moderno na Revista Placar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 211-225, jan./mar. 2013.

SILVA, A. M. A natureza da physis humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e história**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 25-41. (Coleção Educação Contemporânea).

SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B. S. de; DA COSTA, F. R.; BARTHOLO, T. L.; BENTO, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

THUNE, W. **A prática como categoria sociológica e geopolítica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; Anpocs, 1996.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

.....

Recebido em: 07/02/2014

Revisado em: 27/02/2014

Aprovado em: 28/02/2014

Endereço para correspondência:

rlrneves@gmail.com

Ricardo Lira de Rezende Neves

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança

Campus Samambaia, Caixa Postal 131 - CEP: 74001-970

Goiânia - Goiás – Brasil.